

Gigantones, Cabeçudos e Zabumbas

por Maria Emília Sena de Vasconcelos

Não há no norte de Portugal romaria grande sem um grupo de «Gigantones» e «Cabeçudos» a passear pelas ruas da terra, precedido de «Zés P'reiras» a rufar ou, mais raramente, de bandas de música, e rodeado por numeroso rapazio em grita. Rapazio metido severamente na ordem, quando se aproxima demais, pelos próprios «empresários» dos «Gigantones» que, geralmente, acompanham as figuras e as guardam ciosamente, depois, para a próxima exibição.

Não é muito antiga, no país, a comparência delas nas Festas. É muito antiga, em compensação, a comparência de personagens gigantes e grotescas no mundo, desde as eras mais remotas e nas mais remotas paragens. Num interessante estudo publicado em 1968 pelo professor Arnaldo Roseira ⁽¹⁾, que aprofundou o assunto, cita ele a notícia de um «gigante de cortejo», já, na velhíssima cidade de Nysa ⁽²⁾, 280 anos antes da nossa era, e que há menção de outros em pelo menos quatro dos cinco continentes do globo que habitamos... Diz-nos ainda que o primeiro que surge na Europa, que saiba, é o de Antuérpia, na Bélgica, em 1389.

É de facto por «gigantes de cortejo» que os especialistas designam essas descomunais figuras. No norte de Portugal o povo chama-lhes «Gigantones», tal como na Galiza, de onde os copiamos, embora na nossa língua existam os vocábulos «gigantão» e «gigantona» cujo plural seria «gigantões». ⁽³⁾

...E há numerosos «especialistas», na verdade, numerosos etnógrafos que, aqui ou além os estudam; muitos deles agregados à abaixo citada Comissão Internacional dos Gigantes de Cortejo, fundada por Renato Meurant, já falecido. Mas o filho deste, Sérgio Meurant, cultiva a curiosa paixão do pai, e, com Samuel Glotz, director do Museu da Máscara e do Carnaval, de Binche, na Bélgica, ainda em Julho de 1977 esteve em

⁽¹⁾ Membro do «Comité International des Géants Processionnels», na Bélgica, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Academia Portuguesa de Ex-Libris. É neste boletim que se acha o artigo do professor Roseira acima referido (n.º 44, de Abril de 1968).

⁽²⁾ Nysa ou Nyssa, — para além do Cáucaso, nos margens dum afluente do Indus, o «Cophen» (v. as cartas da antiguidade histórica, por ex. a das conquistas de Alexandre da Macedónia):

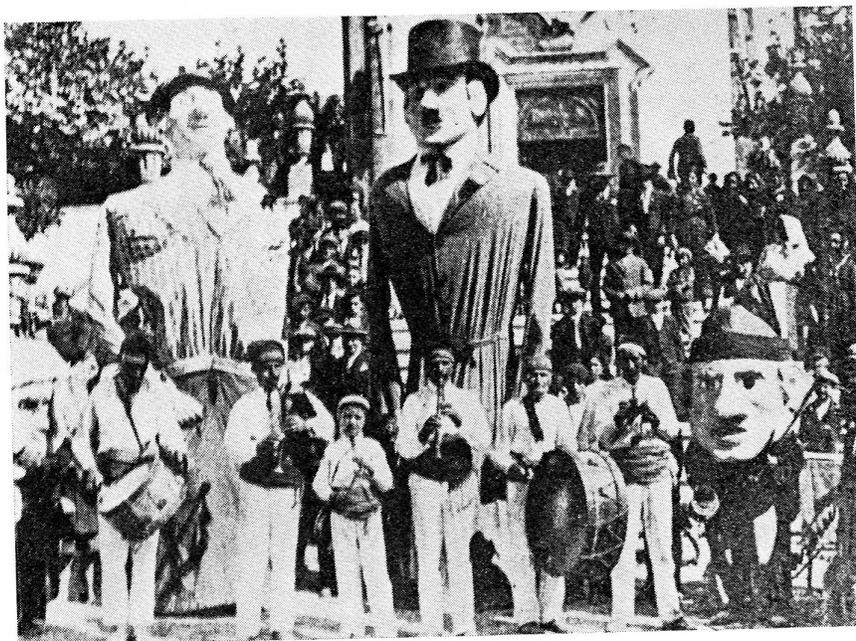
⁽³⁾ V. a Enciclop. Portug. e Bras., vol. II, pág. 374. Cita, nomeadamente, em «Passadas dum erradio, de Ricardo Jorge, o emprego de «gigantão», bem como o de «gigantona» em «Volframio», de Aquilino Ribeiro.



Velha fotografia de velhos Gigantones e Cabeçudos, com os «acompanhantes» habituais, na época — Ao fundo vê-se ainda o mirante do convento de Sant'Ana (onde hoje está o edifício da Caridade) sobre a rua da Amargura actual rua Emídio Navarro)

Viana a examinar os nossos Gigantones e os nossos Cabeçudos, acompanhando-os então Amadeu Costa. Sérgio Meurant já aqui viera de resto em 1976, sendo acompanhado, nessa altura pelo jornalista Afonso do Paço.

Renato Meurant procurou estabelecer como que quatro zonas europeias onde, preferencialmente, aparecem os gigantes de cortejo, — compreendendo uma o norte de França, a Bélgica, a Holanda, parte da Alemanha Ocidental e ainda o sul de Inglaterra; outra a península ibérica (com particular incidência na Galiza e sobretudo na Catalunha), o País Basco francês, o sul de França, as Canárias e as Baleares, a Calábria e a Sicília; a terceira uma região isolada centro europeia, da Austria (Salz-



Gigantones, Cabeçudos e Zés P'reiras em frente da igreja de Nossa Senhora da Agonia, por 1930

(Foto A. Carneiro)

burgo), Baviera e Suábia; e a última, enfim, mal definida aliás, numa área da antiga Rússia, onde parece que os relacionam com o Carnaval. (4)

Há quem relacione também estes gigantes com as estátuas colossais representando divindades, de certos cultos (5), algumas destinadas à posteridade, outras a serem queimadas (6). Ou com as que, em geito totêmico, são tidas como protectoras de certas povoações mais ou menos primitivas, em certos pontos da Africa ou da Oceania...

(4) Em diversos cortejos do Brasil apareceram também, por vezes, Gigantones, fazendo grande sensação. Absolutamente afins com os nossos. O que se compreende, dada a copiosa emigração portuguesa, e sobretudo minhota, desde sempre encaminhada para aquela nação. Sempre saudosos da terra — à qual acabavam normalmente por regressar —, esses portugueses evocavam «ao vivo» nessas figuras um elemento castiço da sua romanha distante...

(5) Como, entre outros El-rei das Neves, no Cortejo do Triunfo do Verão em Eisenach (Warburgo), na Alemanha.

(6) Era isto frequente em algumas cerimónias chinesas; ou, por exemplo, em Ceilão, na cerimónia da «Poudja», no último dia da Festa da Estação das Chuvas, castigando o criminoso rei Rcwana, que tinha dez caras; ou bem próximo de nós, nas «queimas do Judas» (às vezes não agigantado, porém), na Semana Santa. Estas informações são colhidas ainda no estudo do prof. Roseira, atrás mencionado.

Alguns desses enormes manequins, nas representações populares, tinham movimento, graças a alavancas. Aponta-os Renato Meurant, por exemplo, na distante ilha de Bali. E o remoto gigante de Nysa atrás referido, que apresentavam sentado, parece que também, graças, a qualquer processo semelhante, podia levantar-se e fazer uma libação.

Note-se que todas as estas figuras, com conformação humana, são «agigantadas» mas não deformadas, isto é, têm a cabeça proporcionada ao corpo, o que não acontece com os «Cabeçudos» dos séquitos, em Espanha ou na nossa terra.

*

Consta que foi há cerca de cem anos que um administrador do Concelho de Viana do Castelo, Luís Valença, decidiu apresentar em romarias minhotas os primeiros Gigantones, que todo o povo festejou com entusiasmo, — depois de os ter visto em Santiago de Compostela, a dançarem na catedral, frente ao túmulo do Apóstolo, no dia da sua festa. Ritmava a dança um grupo de tamborileiros galegos. (7)

Diz-se que essas figuras simbolizavam ali os Reis Católicos de Espanha, Fernando e Isabel. Não é raro, como já vimos, o facto de se representar agigantadas as criaturas de valor excepcional, quer históricas, como estas, quer de inspiração religiosa cristã (Golias, S. Cristóvão), quer temíveis, mitológicas ou lendárias (como Hércules, Polifemo, ou os Filhos da Terra, de excepcional estatura, que combateram os deuses — e um dos quais era o Adamastor).

Em Braga davam aos Gigantones o nome de Almazonas. Ignoro o que o motivou. Se o ligavam às Amazonas, — as Amazonas são descritas como mulheres guerreiras, montando muito bem a cavalo, atirando muito bem com o arco, fortes e varonís em nada aparentadas com estes manequins populares, nem quanto à indumentária nem quanto à estatura.

Pode argumentar-se que, como no caso dos Reis Católicos, o gigantismo nada tinha com a sua real aparência e era apenas o símbolo do seu valor. Mas elas estão, além do mais, tão arredadas das nossas tradições que prefiro acreditar que essa designação de Almazonas venha antes do nome de Al-Manzor, o grande conquistador árabe que pisou as terras de Entre-Douro-e-Minho semeando o terror, enorme no talento guerreiro e no ímpeto destruidor; o todo-poderoso que fez transportar para Córdova, aos ombros dos cristãos vencidos, os sinos e as portas da própria Catedral de Santiago (ali poupando, no entanto, o túmulo do Apóstolo). Al-Manzor está mais próximo de nós que as Amazonas. Mas isto são, evidentemente, puras especulações imaginativas... (8)

(7) V. «Serão», n.º 242, de 25-X-1976, — coligido por José Rosa de Araújo no «Notícias de Viana».

(8) Almançor ou Al-Manzor (Muhamad Ben Abdallah ben Abí Ahmer) foi, segundo Lafuente, historiador espanhol, «o Alexandre, o Aníbal o César dos Mussulmanos, incerto como um cometa errante, terrível como o trovão rápido como o raio, em suas campanhas». Versado aliás, em teologia e direito. Encabeçou numerosas expedições à nossa península. Morreu no ano de 1002.

Reforça porém essa ideia a passagem dum artigo de Manuel Couto Viana sobre os Gigantones, publicado num dos «Roteiros» de Camilo Pastor ⁽⁹⁾ onde ele aponta que na procissão de Corpus Cristi, em Espanha (como na Flandres, que foi nos séculos XVI-XVII dominada pelos espanhóis) incorporavam-se sempre figuras destas, precedendo o pálio; e que em Espanha, trajadas de mouros, evocavam, parece, a tomada de Granada e simbolizavam os infiéis em fuga perante a vitória do Santíssimo Sacramento.— Ou alguns deles cativos, exibidos à frente do novo Triunfador?...

E ainda no precioso Auto da Floripes, felizmente subsistente nas Neves, os guerreiros cristãos combatem os «turcos» (turcos ou mouros representam o mesmo, para o nosso povo: uns e outros são «os infiéis» a Deus), — demonstrando a constância da recordação desses invasores na península inteira.

Frei Apolinário da Conceição (que Manuel Couto Viana também cita naquêlé seu artigo), escreve na sua «Demonstração histórica» que, quando muito jovem, no século XVIII, viu, por sua vez nas procissões de Corpus Cristi de Lisboa, «figuras de gigantes», à frente, rodeadas de outras figuras de animais, de dançarinos, de chameleiros, de tocadores de marimbas, etc. ⁽¹⁰⁾

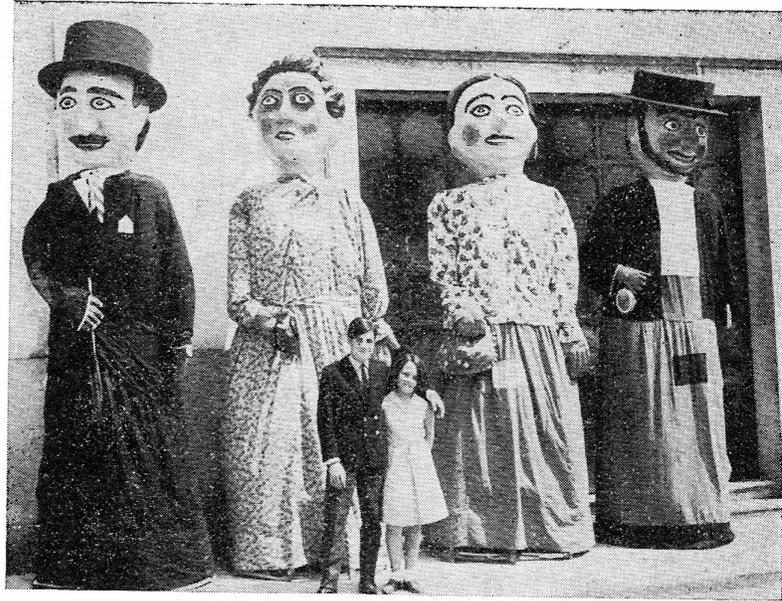
Os nossos «Gigantones» consistem geralmente numa grande armação de verga, de arame, ou de fasquias de madeira leve, interligadas. A feitura da cabeça e mãos é em cartão moldado, puramente artesanal, e conforme à fantasia e arte de quem a modela. As feições são depois pintadas e envernizadas. As cabeleiras—ou os bigodes,—dantes de crina, tingida ou não, e coladas na cabeça, são hoje, quase sempre, nela pintadas também. O traje, feminino ou masculino, que os manequins ostentam, é de tecido barato, mais ou menos enfeitado segundo as posses do seu empresário; copia por via de regra o traje civil da época, nunca o traje popular da região...

A frente, pela altura dos olhos de quem os conduz em passeio, existe no fato dos Gigantones uma abertura rectangular não muito grande, e às vezes velada por um pedaço de rêde fina ou gaze, que é, nos mais requintados, da côr do vestido ou do casaco, o que a torna praticamente invisível para os mirones.

Em 1905, em Barcelona, num encontro destas figuras descomunais, compareceu mais de uma centena delas. Entretanto, cuido que foram desaparecendo, por exemplo, do cortejo londrino do Lord Mayor, ou dos festejos da «mi-carême» parisiense. Mas nas batalhas de flores de Nice

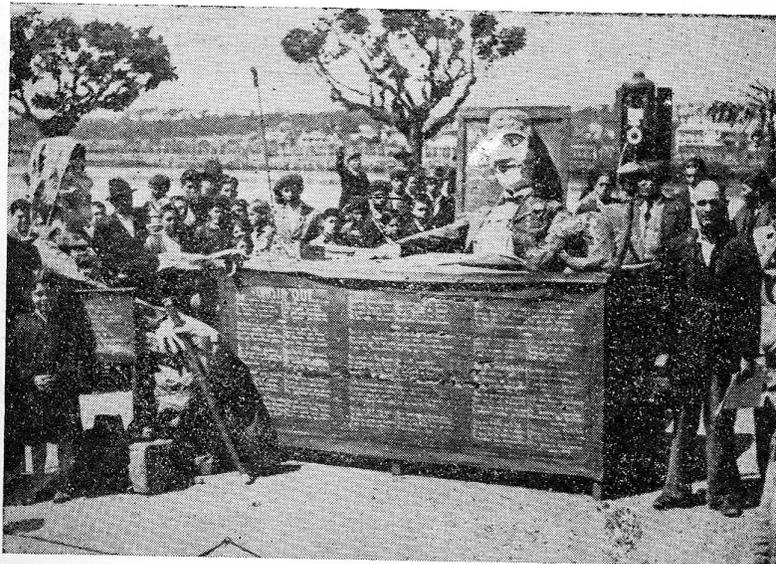
⁽⁹⁾ Roteiro de Viana — Ano VII — Agosto de 1965.

⁽¹⁰⁾ Não é de estranhar que figuras zoomórficas aparecessem ali também. Por essa província fora como em Lisboa, nesta procissão integrava-se sempre um cavalo autêntico transportando uma grande imagem de S. Jorge — segundo um desejo do rei D. João I. A nossa Coca de Monção representa o dragão que o santo venceu. E na tradição de muitas cidades figuram animais lendários, como a «Tarrasque» da Provença (França) ou o monstro de Klagenfurt, na Caríntia (Áustria). Caricaturados ou não, os animais marcavam presença...



Por 1950, grupo de Gigantones junto ao Teatro Sá de Miranda, no seu fato distingue-se o espaço aberto à visão dos portadores

(foto F. L. de Vasconcelos)



Em Ponte de Lima, os «gigantones» arvorados em juizes: consta que...

(foto facultada por A. Tito de Moraes)

surgem ainda. E nas nossas romarias minhotas, sobretudo, são indispensáveis.

Nos grandes meios outra espécie de «gigantes» aparecem às vezes, mas esses sem qualquer armação interior; e as longas calças disfarçam simplesmente as andas sobre as quais caminham as pessoas encarregadas de atrair a atenção do público para qualquer propaganda comercial, política ou eleitoral.

*

Quanto aos «Cabeçudos», que acompanham sempre os nossos Gigantones, admitamos que as suas máscaras, completas, de cabeça inteira, feitas pelo mesmo processo que as destes, derivem das meias-máscaras, expressivas no seu esgar de riso ou de tragédia, indispensáveis nos odéons da antiguidade clássica. Passando pelas do teatro italiano, muito posterior, jocosas, burlescas, convencionais.

Há anos, mais um «carola» destes assuntos, um professor italiano, — paduano, creio, — que encontrei em Lisboa, regressado das Festas da Agonia desse Verão, falou-me dos Cabeçudos com particular interesse. Porque lhes atribuiu igualmente um vincado parentesco com certas figuras da «Commedia dell'Arte», tão apreciada no seu país ao longo dos séculos XVII e XVIII. E explicava isso através do intenso movimento marítimo dos portugueses e espanhóis que, sulcando o Mediterrâneo constantemente, na época, arribavam a portos italianos para se abastecerem ou fazerem comércio. Na memória esses viajantes trariam as inconfundíveis características dos Pantalone, dos Polichinelos, das Colombinas, dos «doutores» daquelas pantominas até à sua terra...

Fica essa hipótese, seguramente discutível, especiosa decerto, ao cuidado dos eruditos —... E já não vira então, o dr. Lotto, a par das máscaras, desproporcionadas aos ombros que as sustentavam, e da vestimenta larga, informe, berrante (ou desbotada) que envergavam os seus portadores (geralmente rapazes muito novos), um outro tipo de personagens que, dantes, fazia parte destes grupos. Sem máscara mas com a cara pintada de forma grotesca; com a mesma indumentária; colocando porém na cabeça... um puro chapéu de Arlequim, (outro interveniente da «Commedia dell'Arte»), e, como este, debruando frequentemente o pescoço com um folho muito franzido! Traziam estes rapazes na mão bexigas de porco cheias de ar, e a sua função era escorraçar a garotada que se chegava demais e lhes tolhia o passo, zurzindo-a com elas...

Afirmava ainda o dr. Lotto que poucos exemplos se acha no mundo de máscaras expressivas, mais ou menos caricaturadas embora, de sentimentos humanos, para além das que se conhece na Europa, — na Europa meridional, sobretudo, — da antiguidade aos tempos modernos. E evocava as do Extremo-Oriente, de teatro, das ilhas do Pacífico, da China ou do Japão, — apáticas ou enigmáticas. As do continente africano, de guerra ou feitiçaria, feitas de palha ou outro material e grosseiramente enfeitadas... As do índio brasileiro; que chegam a atingir

proporções enormes e beleza rara quando recobertas de penas de aves, em pasmoso arco-íris; mas sem feições humanas, nem às vezes semelhança, sequer, com uma cabeça de ave... As do índio americano, rígidas, numa estranha policromia de desenhos simbólicos, ou rituais. — E não esquecia, ao terminar, as mascarilhas leves e galantes que lançou o século XVIII e ainda se usam, em seda, veludo, vidrilhos ou renda... nem as máscaras afuniladas, em «carapuço», sombrias ou claras, misteriosas, religiosas, dos «penitentes» das procissões espanholas ou dos membros de certas seitas, como a do Ku-Klux-Klan, americana.

— Resta-me anotar que em Braga, onde chamavam «Almazonas» aos Gigantones, conservava-se o nome espanhol de «Cabezudos» na designação dos Cabeçudos. Foi aliás nessa terra dos Arcebispos que ouvi também uma curiosa interpretação da sua figuração, não isenta de lógica: se na Catedral de Santiago de Compostela as personagens agigantadas aludiam à grandeza dos Reis Católicos Fernando e Isabel, poderiam os Cabeçudos incarnar os bôbos que em todas as côrtes do tempo faziam parte de cada séquito; criaturas geralmente disformes, anões e anãs, cuja função era divertir os presentes. (Sabe-se aliás que,



Três máscaras modernas de «Cabezudos»

(fotos de F. J. de Vasconcelos)

estes, não raro, lhes toleravam até ditos «jocosos» que eram insultos, e exigências, e caprichos inconcebíveis)... (11)

Há umas cinco décadas, os Gigantones de Viana eram pertença do «tio» Zé Poteiro», de Darque, que fornecia também material para luminárias. Mas há muito que os «empresários» do grupo são os Taipeira,



Um «Zé P'reira» segundo uma aguarela de mestre Alberto Sousa incluída na sua série de postais regionais

(foto de F. L. de Vasconcelos)

(11) No Carnaval lisboeta de 1906, quando ainda os «xéxés», pela rua, podiam lembrar também os Arlequins italianos, para mais armados com «espadas» de madeira (ou não se inspiraria antes o seu chapéu no chapéu de dois bicos dos «napoleónicos» que estiveram em Portugal, ou no que D. João VI ostenta em tantos retratos?...) — e quando ainda uma longa fila de carros ornamentados com foliões circulava no «corso» da Avenida da Liberdade, apareceram num deles três indivíduos com belas máscaras completas, enormes, como as dos nossos Cabeçudos, o que não era vulgar. (V. a

residentes também nessa localidade. Neste momento é a «Arminda Taipeira» que os aluga, veste, restaura e acompanha... (12)

Também em Ponte do Lima havia alguns, cujo dono era João Dantas Guerra. Pessoa muito popular — e, ainda, temida por muitos, por causa dos seus públicos «julgamentos»: — «Consta que...» — e da sua «Academia da Má Língua». Por vezes fazia imprimir uma folha, como o «Testamento de Judas Escariote», onde zurzia em prosa e em verso fosse quem fosse, sem contemplanções nem qualquer reбуço na linguagem! (13)

*

Quanto aos «Zabumbas» ou «Zés P'reiras», quer circulando, também, em grupos isolados, a animar a cidade em Festa, como as bandas de música, quer acompanhando o passeio dos Gigantones e Cabeçudos, — nenhuma comissão de festa popular os dispensava igualmente. Foi costume antiquíssimo, como já referi algures, (14) que até precedessem as procissões mais solenes, em Viana, com o estrondo dos seus bombos e a vivacidade das gaitas de foles. Deixaram de aparecer pela primeira vez nas celebrações em honra de Nossa Senhora do Carmo, em Julho de 1858. O que causou no povo certo desconsolo, mas «quem de direito» manteve essa disposição, nessa e noutras ocasiões, e o uso extinguiu-se de facto. (15)

contra-capas — e a capa — da Ilustração Portuguesa de 6 de Janeiro de 1980, com os folgedos citados).

Numa página de certo velho caderno inédito do escritor João da Rocha, «Exame de Consciência», dada a lume por Abel Viana no «Arquivo do Alto Minho» (4.º vol., p. 60), onde ele evoca o carnaval de 1989 nesta cidade, encontrei pela 1.ª vez até hoje referência à exibição de Gigantones, aqui, nessa quadra. A 20 de Fevereiro, domingo gordo, saiu à rua um cortejo rotulado de «grande mascarada da folia», que aliás João da Rocha classifica de «sorumbático desfile». O que porém nos interessa é que nele vem, excepcionalmente, «atrás do grande carro do cyclismo, uma gigantone, a das feiras da Agonia, montada em um tricyclo cujas rodas não mediam menos de 2,5 m. de diâmetro. Essa gigantone ia ao princípio muito bem posta, com a sua touca branca na cabeça, sorridente e bonacheirona». Mas «depois de passar a primeira vez na Assembleia o vento pôs-lhe a touca à banda, no Carmo ia-lhe esta enrodilhada ao pescoço, em S. Bento já havia desaparecido. Na rua da Piedade quebrou-se uma roda lateral do tricyclo contra uma esquina. Tiraram-lhe então a outra roda, e debaixo da grande fêmea saiu nessa ocasião o homem que as movia. Assim, a gigantone foi perdendo a compostura»... — etc.

(12) Maria Arminda Ribeiro Maciel, casada com Sebastião Baptista, — continuadora do comércio de Gigantones de seu pai, possuía nos fins da década de 1970 nada menos de seis dessas figuras (pesando cada uma cerca de 22 quilos) e 25 máscaras de Cabeçudos. Seu pai, Manuel Ribeiro Maciel, de ascendência espanhola, morreu em 1967. Era um «duro» para com os portadores dos seus «bonecos». Vi-o uma vez quebrar a (aliás delgada) vara que trazia na mão sobre o rapaz que, no «descanso», junto ao teatro Sá de Miranda, deixava cair o manequim que encostava à parede... Recentemente Arminda Taipeira foi entrevistada pela TV para o programa «Viva» daquele organismo.

(13) Chamavam-lhe o «Guerrinho». Em 1967 publicou mesmo, em Ponte do Lima, um livro de versos: *Imagens da Vida*. Faleceu no Verão de 1973 (inf. de Adelino Tito de Moraes).

(14) No meu «Breve Memorandum das Festas da Agonia».

(15) V. Arquivo do Alto-Minho, Vol. IV, pág. 199.

Não consegui nunca averiguar de onde adveio a designação de «Zés P'reiras» a estes tocadores; conjecturo, evidentemente que algum componente de qualquer grupo tanto se celebrizasse nessa função que, por extensão, pelo seu nome ficasse conhecido o seu grupo,— e, por contágio, ou para se valorizarem também, o adoptassem seguidamente outros grupos. Mas de onde era ele? Em que época existiu? Seria isto assim?...

Já quanto à designação de «Zabumbas» — na nossa língua existe o verbo «zabumbar», bater no bombo (ou bombo). Os espanhóis chamam aliás «zabumba» ou «zabomba» a outro instrumento, primitivo e rústico, cilíndrico e longo, com uma pele tensa num dos extremos. ⁽¹⁶⁾

Cada grupo de Zés P'reiras tem um número de tocadores muito variável, — normalmente de cinco ou seis a vinte, mas não raro superior. Por 1882 ou 1883 em Amarante, nas festas a S. Gonçalo, conta-se que promoveram uma concentração onde esperavam reunir uns 120 tocadores destes, para abrihantá-las. Tanto não conseguiram, mas ainda lá compareceram perto de cem...

A indumentária clássica de tais agrupamentos, tal como já a deparamos documentada a partir dos fins do século XIX, era composta por camisa e calças brancas, faixa vermelha (se a punham), grande carapuça afunilada vermelha, escura ou de lã às riscas, e, por vezes, um garrido lenço tabaqueiro ao pescoço. Por vezes, também, uma flor entalada na orelha. Mas como durante o seu giro paravam frequentemente «a matar a sêde», ou «a matar o bicho»... ao fim da tarde, com as manchas de vinho, a aparência de muitos tornava-se bem pouco agradável. — Outros núcleos usavam qualquer calça escura e, muitas vezes, qualquer colete de fazenda, sobre a camisa aberta; na cabeça punham indiferentemente carapuça escura ou chapeirão de aba larga. Modernamente muitos grupos cuidam mais do seu aspecto geral, vestindo todos os componentes camisas alaranjadas, vermelhas ou de outra côr, calça preta ou muito escura, e usando chapéu braguês.

Os instrumentos que tocam são pois os clássicos bombos e tambores e a gaita de foles ou gaita galega. Com gaita galega e tambores circulou igualmente aqui, nas Festas da Agonia, durante a guerra de Espanha, um grupo de refugiados espanhóis, que moravam para os lados da Argaçosa, trajando à sua maneira regional...

Conforme os anos, os nossos grupos de zabumbas eram recrutados, pelas comissões festeiras de Viana e arredores, no arredor de Viana, na Barca, em Bravães, nos Arcos, em Vila Verde e cercanias de Braga e, por 1970, chegaram a relançá-los mesmo em Trás-os-Montes, onde existem também numerosos grupos destes.

A animar as romarias da Agonia, durante as últimas décadas, os mais constantes eram o de José Maria Moreira, de Capareiros, com 6 ou 8 tocadores; o de Virgínio Santos Neiva, de Frago, também com 6 ou 8 tocadores; o de José Moreira, de Vila Franca, com 6 tocadores;

⁽¹⁶⁾ V. Enciclop. Portug. e Braz., vol. 37, pág. 156.

o de José Joaquim de Brito, da Barca, com 23; o de Manuel Martins Bico, de Fragoso, com 8; o de José oDmingos Carlos, de Bravães, com 18; 20 ou mais... Nos anos mais recentes compareceram ainda grupos de mais longe: de Baião, de Amarante e outros.

Em 1964 veio um novo grupo de gaiteiros galegos, denominado «Saudade» de Ribadeo, com dez elementos.

A título de curiosidade e demonstrando o agravamento constante da verba destinada aos «Zabumbas», já em meados do nosso século, anoto o que eles receberam em alguns desses anos:

— 1959: José Domingos Carlos, de Bravães, com 18 figurantes, por 3 dias 2.160\$00; José Joaquim de Brito, da Barca, 23 fig., por 3 dias 2.760\$00; Manuel Bico, de Fragoso, 8 fig., por 6 dias 1.600\$00; José M. Moreira, de Vila Franca, 5 fig., por 6 dias 950\$00; Armindo Rocha de Almeida, 7 fig., por 3 dias 665\$00; Manuel Gonçalves da Costa, 3 fig., por 3 dias 285\$00.

— 1963: José Moreira, de Vila Franca, 8 fig., por 3 dias 900\$00; Virgínio Neiva, de Fragoso, 6 fig., por 3 dias 900\$00; Manuel Bico, de Fragoso, 8 fig., por 3 dias 1.200\$00; José Domingos Carlos, de Bravães, 23 fig., por 3 dias 3.105\$00; José Joaquim de Brito, da Barca, 23 fig., por 3 dias, também, 2.105\$00.

— 1964 a vinda dos Gaiteiros de Ribadeo importou em 11.054\$40. Em 1966 Joaquim José de Brito, da Barca, por 3 dias cobrou 3.216\$00, mas trazendo apenas, então, 16 figurantes.

Nenhum destes contratos, aliás, incluía despesas de estadia e alimentação em Viana, embora muitas vezes isso lhes fosse facilitado por várias Comissões de Festas.

Dessa época para cá, evidentemente, o custo da comparência desses grupos animadores continuou a subir em flecha... ⁽¹⁷⁾

Os «zabumbas» e as tocatas têm já diversas vezes servido de tema a artistas plásticos; na colecção de postais com trajos e costumes portugueses, segundo aguarelas de Alberto de Sousa, estão representados. Bem como em desenhos de Manuel Couto Viana e outros. Bem como entre as engenhosas figuras de ferro de Francisco Franco.

Igualmente a tão pitoresca arte popular dos bairristas anónimos multiplicou as polícromas figuras de «zabumbas», de tocadores e de músicos de banda conforme se apresentavam na época.

A terminar, citaremos então algumas das bandas que se fizeram ouvir pelas ruas de Viana, ou nos corêtos das praças e Jardim Público, nesses dias grandes. Nada menos de cinco, por exemplo, em 1958: a do Orfanato, a de Anha, a de Capareiros, a de Fão e a de Infantaria 6. E mais, para um só concerto, a da Polícia do Porto, o que importou, então, em 5.470\$00, acrescido de 880\$00 de «direitos de autor» ao «Valencinha» da Praça da República — que ao tempo representava nesta cidade a Sociedade de Escritores e Compositores. Dos trechos por eles

⁽¹⁷⁾ Informações facultadas pelo velho amigo snr. José de Pinho, que fez parte de algumas dessas Comissões.



MÚSICOS DE ROMARIA
por Manuel Gouto Viana

escolhidos faziam sempre os mestres das «músicas» recair esses direitos sobre a Comissão das Festas...

Em 1960 vieram as bandas dos Bombeiros Voluntários de Fão e de Revelhe. Em 1961 veio a Banda da Força Aérea, cuja estadia, de 3 dias importou em 20.304\$10, e veio uma banda da Póvoa de Varzim. Em 1962 compareceram a Banda dos Bombeiros Voluntários de Fão, e, para um só concerto, a Banda Municipal de Vigo, — esta com dispêndio assaz moderado: 7.570\$00...

No ano seguinte, na mesma para um só concerto, veio a Banda da G.N.R. do Porto (por 8.637\$50), bem como as dos Voluntários de Esposende e de Fão. Depois, temos ouvido as de Ponte do Lima, a de Miguel Dantas, de Coura, e tantas outras. E, mais recentemente, as de Escuteiros, de Viana, da Meadela... Em 1980 surgirá mais uma, ligada à Escola de Música da cidade.

E, há pouco, vimos pelas ruas, como novidade, uma agradável Tocata, com instrumentos de corda.

O povo acarinha sempre as bandas, à passagem, e pára, atento, junto aos corêtos onde se exibem. E vai comprar à feira os tais músicos de barro tão pitorescos, tão coloridos, de barretina com penacho, como em tempos idos, ou com boné largo, de pála, como os posteriores; com as trombetas muito douradas e o mestre de batuta erguida...

Gigantones. Cabeçudos. Zabumbas. Bandas de música. Bonecos de barro. — Pedras de toque, afinal, da subida valia das romarias nortenhas.



Tocatas de romaria

(foto de F. J. de Vasconcelos)